

A LEITURA DE FILMES NA SALA DE AULA

Luciana Sales Babosa Moura (1)

(1) Universidade Federal de Campina Grande (lucianasales2008@gmail.com)

Resumo:

Os avanços tecnológicos têm provocado mudanças significativas nos usos sociais da linguagem e, conseqüentemente, nas práticas de letramento, as quais assumiram um sentido amplo em virtude da sua pluralidade e heterogeneidade. Os textos que circulam na nossa sociedade trazem além do verbal outros elementos portadores de sentidos: cores, formatações, imagens estáticas, imagens em movimento, sons, gestos. Assim, compreendendo a necessidade de inserir nas atividades escolares a leitura de textos que circulam na sociedade contemporânea, neste trabalho é descrita e analisada uma experiência pedagógica de leitura de um do filme “Eu sou a lenda”, no intuito de responder ao seguinte questionamento: “Qual a participação dos aspectos que constituem o áudio e o visual na construção dos sentidos no ato da leitura fílmica?”. Este estudo consiste em um recorte de uma pesquisa de mestrado, uma investigação interpretativista, de cunho qualitativo. Foi utilizado para a análise, o registro audiovisual de um encontro de projeção do filme, e o registro da roda de conversa realizada ao final da sessão; bem como o diário de observação elaborado pela pesquisadora. Analisados com base nos estudos sobre letramento e nas abordagens sobre leitura e sobre a linguagem cinematográfica, os dados revelam que os elementos que constituem os sons e as imagens dos filmes são determinantes na construção dos sentidos por parte dos sujeitos que os percebem e, a partir deles, constroem suas leituras sensoriais, emocionais e racionais, mobilizando conhecimentos oriundos das práticas letradas com a linguagem cinematográficas, as quais já fazem parte do cotidiano extraescolar deles, bem como a partir de valores construídos socialmente. Os dados conduzem à percepção de que a leitura fílmica em sala de aula consiste em um exercício rico de construções de sentidos, confirmando a relevância de levar para o ambiente escolar os textos que constituem as práticas sociais de interações nas quais os alunos estão inseridos.

Palavras-chave: multiletramento, leitura fílmica, ensino.

INTRODUÇÃO

A para cumprir com as demandas da aprendizagem da cultura de uma sociedade audiovisual, o trabalho proposto em sala de aula deve oferecer práticas que auxiliem o aluno no convívio com novas linguagens. É preciso, portanto, que a educação linguística, oferecida pela agência escolar, adote novas demandas de aprendizagens, ampliando a compreensão do letramento para o campo da cultura, da imagem e do discurso, considerando, assim, os múltiplos letramentos, os letramentos multissemióticos e os letramentos críticos (ROJO, 2009).

Esse parece ser o novo desafio do professor: Ensinar língua materna com vistas ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, visando os textos constituídos de múltiplas linguagens. Desse modo, as indagações desse processo seguem desde a escolha do texto a ser estudado/ensinado até as estratégias de leitura que contemplem as especificidades dos gêneros.

Com vistas a oportunizar uma reflexão acerca da necessidade de admitir novas práticas leitoras nesse universo, esse trabalho consiste na avaliação da leitura de um gênero audiovisual: o filme. A leitura desse gênero na escola representa, mais do que uma atividade cultural, uma atividade que viabiliza a formação leitora do sujeito, mediante o conhecimento das múltiplas linguagens utilizadas nas escolhas e construção das representações audiovisuais.

Neste artigo apresentamos breves reflexões teóricas acerca da formação leitora, direcionada especificamente para a leitura fílmica, e para a linguagem cinematográfica. Os dados são oriundos da experiência com o filme “Eu sou a lenda”¹, realizada com alunos do 1º ano do Ensino Médio de uma instituição pública localizada na cidade de Campina Grande – PB. A experiência contou com a participação de vinte e quatro alunos, dos quais vinte e dois, com idade entre 14 e 17 anos, e dois com idade entre 18 e 20 anos. Tratando-se de uma pesquisa que recorreu à observação participante, o registro dos encontros se concretizou por meio da videogravação das aulas. Ao final de cada encontro de projeção dos filmes, desenvolvemos as “rodas de conversa”, socializando as leituras dos filmes, e, para o registro dos encontros, elaboramos um diário de observação.

Antes, porém, apresentamos uma breve exposição teórica entrecruzando dois aspectos teóricos que nortearam a discussão dos dados: os tipos de leitura empreendidos e a linguagem cinematográfica.

METODOLOGIA, RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Apesar de não consistir em uma prática da escola, a leitura é uma prática social escolarizada, visto que, o papel de ensinar a ler é atribuído à agência escolar. Todavia, um sujeito pode desenvolver suas habilidades leitoras nas diversas atividades sociais do seu cotidiano, aprendendo a ler, inclusive, textos com os quais não teve contato na escola (PIETRI, 2007).

O contato com a leitura nas práticas não escolarizadas de aquisição de habilidades leitoras pode acontecer de diferentes formas: ao ler ou ouvir uma história, ao apreciar uma obra de arte, ao ouvir uma música, ao ver um programa de TV, ou ao assistir a um filme. Conforme Martins (1994), a aprendizagem da leitura está ligada ao processo de formação do sujeito e ao desenvolvimento da

¹ *Eu sou a lenda* é um filme pós-apocalíptico de ficção científica, terror e suspense, lançado em 2007, dirigido por Francis Lawrence e estrelado por Will Smith e pela atriz brasileira Alice Braga. É a terceira filmografia adaptada do livro homônimo de Richard Matheson, precedida por *The Last Man on Earth* de 1964 e *The Omega Man* de 1971

sua capacidade de convívio e atuação social, política, econômica e cultural. Compreendendo a heterogeneidade das práticas letradas, é importante, inicialmente entendermos que a leitura, habilidade constitutiva do letramento de um sujeito, consiste em um requisito para inserção social do mesmo.

No que diz respeito às práticas escolares de letramento no Ensino Médio, as Orientações Curriculares para esse nível de escolarização definem que as propostas de ensino e aprendizagem possibilitem ao estudante:

“(i) avançar em níveis mais complexos de estudos; (ii) integrar-se ao mundo do trabalho, com condições para prosseguir, com autonomia, no caminho de seu aprimoramento profissional; (iii) atuar de forma ética, na sociedade, tendo em vista as diferentes dimensões da prática social” (BRASIL, 2006, p. 17-18).

Sendo assim, o professor de língua materna tem o desafio de propiciar um processo formativo que auxilie o aluno no aprimoramento das habilidades de leitura, escrita e escuta de textos, com vistas à atuação do educando no universo do trabalho e, especialmente, ao exercício da cidadania.

Ao se considerar a heterogeneidade das práticas letradas, é importante, inicialmente entendermos que a leitura, habilidade constitutiva do letramento de um sujeito, constitui um requisito para sua inserção social. Nesse sentido, no âmbito da pesquisa sócio-interacionista, Kleiman (1997, p. 10) nos apresenta a seguinte definição para a leitura:

uma prática social que remete a outros textos e a outras leituras. Em outras palavras, ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de grupo social em que se deu nossa socialização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados.

A autora defende que no ato da leitura o sujeito utiliza estratégias, tomando por base seus conhecimentos linguístico, sociocultural e enciclopédico. Assim, o ato de ler precisa ser uma atividade de compreensão que resulta da interação entre textos, leituras e interlocutores. É a admissão dessa terceira vertente na prática pedagógica do professor que viabiliza a compreensão do sujeito leitor como agente e produtor de sentidos.

A produção de sentidos, para Martins (1994, p. 31), é inerente à condição de leitura, pois se trata de *um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos*. As autoras concordam ao considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, independente das linguagens que a constituem, estando o ato de ler vinculado

tanto ao texto escrito quanto a outros “meios de expressão do fazer humano”. Sob essa perspectiva, portanto, compreendemos que a noção de texto se estende para além do verbal, admitindo, portanto, outras formas de linguagem.

Martins (1994) acrescenta a essa atividade de ler, três diferentes níveis de compreensão pelos quais passam um sujeito no ato de ler: o sensorial, o emocional e o racional. O primeiro está associado às primeiras escolhas e revelações do leitor, através dos sentidos. Já o segundo nível é alcançado quando o sujeito revela suas reações diante do texto, quando este desperta alegria, tristeza, curiosidade, ou seja, estimula a fantasia. Por fim, o nível racional, soma-se aos demais, estabelecendo uma ligação entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, viabilizando, no ato da leitura, a atribuição de significados ao texto e questionamentos relacionados à própria individualidade ou ao universo das relações sociais.

Levando em consideração esses níveis, a leitura é vista como um processo *abrangente, no qual o leitor participa com todas as suas capacidades a fim de apreender as mais diversas formas de expressão* (MARTINS, 1994, p. 64-65). Além de ser um processo amplo e complexo, a atividade está associada a uma infinidade de textos e não apenas aos textos verbais. Na contemporaneidade, a diversidade de formas de significar através das múltiplas linguagens que constituem os textos suscita novos olhares acerca do processo de leitura.

Tomando por base as concepções leitoras aqui apresentadas, podemos definir leitura de filmes como um processo de apreensão das estruturas que constituem uma trama cinematográfica - tais como a sequência narrativa e os elementos que compõem a linguagem fílmica; e a interação com o texto e seu produtor, como construção de sentidos a partir dos conhecimentos cinematográficos, socioculturais e de mundo.

Tendo em vista que o foco do presente trabalho é a dimensão da significação produzida pela leitura de filme, necessitamos compreender um pouco do trajeto de produção deste, estendendo-nos aos elementos que o constituem enquanto linguagem.

A linguagem cinematográfica é, segundo Carrière (1995), uma linguagem constituída de tudo o que compõe nossa vida cotidiana: imagens, olhares, sons, movimentos, câmera lenta e acelerada, gritos, momentos de pausa, sedução, sofrimento, diversão, fanfarronice, empenho, amores, segredos.

O cinema se tornou linguagem em virtude de possuir uma escrita própria e, segundo Martin (2005), transformou-se, por esse motivo num meio de comunicação de informação, de propaganda, o que não se converteu numa contradição da sua qualidade de arte. Para o autor,

É o seu aspecto pouco ‘sistemático’ que diferencia a ‘linguagem’ cinematográfica da ‘língua’: ‘as diversas unidades significativas mínimas’ não têm no seu interior ‘significado estável e universal’ e é isso que permite classificar o cinema entre outros ‘conjuntos significantes’, tais como ‘os que formam’ as artes ou os grandes meios de expressão culturais. (p.24)

A linguagem do cinema atual funciona mediante a reprodução fotográfica da realidade e diferencia-se dos demais meios de expressão por conta do poder oriundo da sua linguagem, na qual *os seres, as coisas que aparecem e falam, dirigem-se aos sentidos e falam à imaginação*, (MARTIN (2005, p. 24).

Os vários elementos da elaboração de um filme – a montagem, o enquadramento, os movimentos de câmera, a iluminação, a utilização ou não da cor – são construções estéticas formadoras de uma linguagem criadora de significados. Assim, faz-se necessário a compreensão dos elementos que constituem essa linguagem e de como eles colaboram para a construção de sentidos, o que envolve um pouco da estética do filme. Para além da análise contéudística, *os filmes são socialmente construídos e contêm estratégias narrativas e estéticas que precisam ser decodificadas* (KORNIS, 2008, p 56).

Constituída de dois modos de representação, o áudio e o visual – a imagem e o som –, a linguagem do cinema suscita no espectador uma sensação de realidade que por ora faz com que ele acredite fielmente na existência do que aparece na tela. Essas sensações resultam em reações diversas como ‘conversas’ com os personagens, orientações para as ações destes, lágrimas em cenas de dor ou morte.

A imagem de determinados filmes é dotada de todas as aparências da realidade e o movimento a ela atribuído é, segundo MARTIN (2005), o caráter mais específico e mais relevante. Para esse autor, assim como o movimento, o som é um elemento decisivo da imagem pela dimensão que soma “ao retribuir-lhe o ambiente dos seres e das coisas que sentimos na vida real”.

Em uma produção cinematográfica, a iluminação consiste em um aspecto decisivo para a criação das imagens que contribuem para criar a “atmosfera”, um elemento de difícil manipulação. Trata-se de um aspecto de grande preocupação nos filmes atuais. Assim como a iluminação e os diálogos, o figurino faz parte do conjunto dos meios de expressão fílmica. Sua utilização no cinema distingue-se do uso no teatro em virtude de ser mais realista e menos simbólica, haja vista que está sempre associado a uma realização fílmica, a qual pode acrescentar ou diminuir efeitos à medida que pode valorizar gestos ou atitudes das personagens, consoante suas aparências e expressões.

Os cenários, segundo Martin (2005), assumem maior importância no cinema do que no teatro, visto que não se pensa em uma ação fílmica sem um ambiente real e autêntico. Estes podem ser: reais (existência independente da filmagem) ou construídos nas suas instalações (em um estúdio ou ao ar livre).

Durante cerca de quarenta anos, as cores do cinema reduziam-se ao *preto e branco*. A introdução de outras cores, portanto, se deu mediante a busca dos produtores de atribuir mais realismo aos filmes. A grande função desse elemento é possibilitar maior aproximação com a realidade. Além disso, a escolha de determinadas cores está relacionada a valores e implicações psicológicas dos personagens.

Os efeitos sonoros situam o instante do aparecimento do filme falado, o que modificou profundamente a estética fílmica. O som pode ser utilizado como contraponto ou como contraste da imagem, sendo realista ou não-realista, contribuindo na organização da relação som-imagem.

Para Martin (2005), as contribuições que o som trouxe para o cinema podem ser explicadas em seis tópicos, quais sejam: a) Realismo: o som reforça a autenticidade da imagem; b) Continuidade sonora: a sonoridade de um filme estabelece a continuidade tanto no nível da percepção simples como da sensação estética; c) Utilização normal da palavra: a sonoridade liberta a imagem da sua função explicativa e permite-lhe dedicar-se à sua função expressiva; d) Silêncio: possui um valor dramático considerável que pode ser desempenhado como simbólico da morte, da ausência de perigo, da angústia ou da solidão; e) Elipses possíveis do som e da imagem graças ao seu dualismo; e, por último; f) Justaposição do som e da imagem em contraponto ou em contraste: permite a criação de todas as espécies de metáforas e símbolos.

Os efeitos sonoros podem ser percebidos num filme através de dois fenômenos: I. A música – que constitui um material expressivo imensamente rico -, e II. Os ruídos – naturais ou humanos.

Por fim, o roteiro, que representa a história constituída de imagens, diálogos e descrições, é texto que, como todo gênero textual, tem elementos composicionais bem definidos: ação, personagens, cenas e sequências. Desse modo, o roteiro é, conforme Arcoverde (2004), uma história que narra, descreve uma situação vivida por alguém, ou melhor, trata de uma pessoa, ou pessoas, num lugar, ou lugares, vivendo algo.

Conforme Comparato (1995, p. 19), o roteiro cinematográfico define-se como o “princípio de um processo visual”. Segundo o autor, a escrita do roteiro de um filme se dá passo a passo e contempla os seguintes estágios: a definição do tema, a estruturação da ideia, a definição dos personagens, e, por fim, a busca dos dados que faltam. Além disso, a câmera tornou-se móvel no

cinema, como o olho humano, como o olho de um espectador. Ela é uma testemunha ativa e intérprete dos acontecimentos (MARTIN, 2005) e tem as funções descritiva, dramática e rítmica, produzindo cada uma delas vários significados.

Por outro lado, os enquadramentos são a composição do conteúdo da imagem, ou seja, a forma como é planejado e organizado o fragmento de realidade que será projetada na tela. Conforme Martin (2005), a escolha da matéria filmada é elementar, assim como a organização do conteúdo da imagem.

A escolha e o entrelaçamento dos elementos que compõem uma produção fílmica são resultantes de uma percepção subjetiva do mundo, a percepção do realizador (MARTIN, 2005), por isso, o produtor cinematográfico encontra-se representado nesses elementos.

A imagem e o som no cinema – o áudio e o visual – tentam reproduzir o real e, para Martin (2005), num segundo momento, eles afetam o nosso sentimento e, por fim, tomam uma significação ideológica e moral. A construção do geral e do abstrato, do real ou fictício no cinema se constitui, portanto, pela diversidade de modos de representação que constituem essa linguagem. Ver filmes, mais do que construir narrativas ou temáticas, é desvendar os múltiplos significados que emanam das combinações audiovisuais, é ler para *prolongar o prazer do espetáculo analisando, desvendando, olhando com uma lupa o que acabou de passar em toda velocidade – 24 ou 25 imagens por segundo* (JULLIER; MARIE, 2007, p. 15).

Ao considerarmos esses aspectos referentes à linguagem cinematográfica, associamos a atividade de leitura fílmica às habilidades de leitura adquiridas na escola, considerada, assim, uma prática social escolarizada. Todavia, conforme De Pietri (2007), um sujeito pode desenvolver suas habilidades leitoras nas diversas atividades sociais do seu cotidiano, aprendendo a ler, inclusive, textos com os quais não teve contato na escola.

Tomando como base essa reflexão teórica, relataremos a seguir uma experiência de leitura do filme *Eu sou a Lenda*, analisando a participação do áudio e visual na construção dos sentidos. Teremos como dados fragmentos da transcrição da Roda de Conversa realizada após a projeção do filme, bem como do diário de observação da pesquisadora. Trata-se do recorte de um trabalho de investigação interpretativa, de cunho qualitativo, realizada em uma turma de 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública Estadual, no Município de Campina Grande –PB, parte da nossa dissertação de mestrado.

A ficção científica é um gênero que trata de temas fictícios ou sem comprovação científica. Geralmente contem extraterrestres ou fenômenos naturais, que podem ter um final feliz ou não.



Conforme Nogueira (2010.), a ficção científica é um relato em que se fabula ou especula sobre mundos e acontecimentos possíveis a partir de hipóteses logicamente aproximadas da realidade. Para o autor, esse gênero cinematográfico muitas vezes está centrado nos questionamentos sobre os avanços da tecnologia e sobre o avanço da humanidade; assim, procura projetar o futuro da humanidade nas mais diversas dimensões: os cenários, os objetos, os personagens.

Em uma produção cinematográfica, o som se revela como um elemento essencial para construção dos sentidos, visto que esse é capaz de ampliar a realidade ou a ficção. Em *Eu sou a lenda*, percebemos a participação dos elementos sonoros nas interações dos alunos. As músicas e os ruídos parecem contribuir para a construção de um universo de suspense, conforme constatamos nas anotações da pesquisadora durante a sessão.

Fragmento 01:

O silêncio continua a imperar na sala. É interessante observar que hoje eles estão bem mais concentrados no filme [...] A turma continua atenta ao filme. De repente, na cena em que a mutante capturada por Neville pula da mesa de observação, uma aluna se assusta e faz alguns comentários com os colegas que estão próximos (Diário de observação, 02 de junho de 2011).

Percebem-se nos comportamentos dos sujeitos, conforme relata a pesquisadora durante a observação, que a turma se mantém concentrada e quieta diante das cenas. Esse comportamento já sinaliza os níveis sensoriais e emocionais nas leituras dos mesmos. No que concerne ao susto de uma das alunas, dados verificados na audiogravação do encontro - descrito fragmento 2 :

Fragmento 02:

P: eu notei que em determinados momentos alguns cobriam os olhos... e aí vinha aquele
“Ai, meu Deus!”... por que? ((risos))

P: por que essas reações de vocês?

A8: por que:: ... assusta né?... o suspense

P: ((risos)) o suspense?... por que quando apareciam as cenas dos mutantes apareciam... por que que tinha hora... vou perguntar especificamente para A8... por tinha hora que os mutantes apareciam você se assustava e tinha hora que os mutantes apareciam e você NÃO se assustava?

A8: pelo:: pelo fato... acho de ser surpresa

P: a surpresa... alguma outra coisa ajudava?

A5: quando tava muito:: ... concentrada

A8: a música também

P: a música e a concentração... quando tava bem concentrada assustava?

A5 e A8: ((balançam a cabeça confirmando))

(Roda de conversa, 02 de junho de 2011)

Percebemos nesse fragmento que a música e a concentração diante da cena são apresentados por A5 – “quando tava muito:: concentrada” e A8 – “a música também” - 68 como elementos

determinantes para a construção do clima de suspense e, conseqüentemente, dos efeitos de susto na aparição dos seres mutantes. Segundo Jullier e Marier (2009, p. 40), “os gêneros musicais conotam imagens e ideias variáveis seguindo suas origens, o contexto em que são escutados e os gostos particulares dos espectadores”. Assim, comparando as reações dos alunos durante o filme “O turista” e no filme “Eu sou a lenda” percebemos que os fenômenos sonoros assumem significação diferente e, conseqüentemente, emanam sentidos diferentes que, somados às construções visuais atuam sobre a compreensão do todo.

Segundo Jullier e Marier (2009, p. 40), “os gêneros musicais conotam imagens e ideias variáveis seguindo suas origens, o contexto em que são escutados e os gostos particulares dos espectadores”. Assim, percebemos que os fenômenos sonoros assumem significação diferente e, conseqüentemente, emanam sentidos diferentes que, somados às construções visuais atuam sobre a compreensão do todo.

A música, em especial, elemento mais perceptível durante as leituras, envolve os espectadores, mexe com os sentimentos, faz com que retomem outras experiências externas ao filme. A familiaridade com a linguagem das músicas permite o acesso a efeitos de sentidos no filme (JULLIER E MARIE, 2009). Esse processo pode ser comprovado pela observação do comportamento de três alunos, ao perceberem a música “Every little thing gonna be all right”, integrante da trilha sonora composta por James Newton Howard, cujo relato consta no diário da pesquisadora:

Fragmento 03

Quando passa a cena de Neville dando banho na cadela e surge uma música, noto que um colega chama a atenção de dois colegas e os três sussurram a música [...] Neville tenta salvar o animal, canta a música que ouvia no início do filme e, mais uma vez, os três alunos se olham e cantam baixinho (Diário de observação, 02 de junho de 2011).

As informações expressas no fragmento 07, do diário de observação, assim como as analisadas nos fragmentos e trechos anteriores, renovam a concepção de que o cinema encanta e constrói significados, ampliando-a para a percepção de que os elementos que constituem a linguagem do cinema, envolvem, encantam e são dotados de uma infinidade de sentidos que o leitor-espectador manifesta no ato da leitura e não podem passar despercebidos.

Todos os elementos de um filme participam da montagem cinematográfica, reforçando as imagens, auxiliando na construção do enredo (SILVA, 2004). Assim, os 70 aspectos vinculados à construção das imagens, do “visual” no cinema – cenário, figurinos, etc. – também convergem para a produção do sentido na leitura cinematográfica.

Em “Eu sou a lenda”, o cenário de uma cidade deserta e destruída ajudou a reforçar os efeitos analisados no item anterior correspondentes ao áudio. Essas reações podem ser averiguadas no fragmento abaixo:

Fragmento 03:

P: a gente semana passada... quando assistiu o turista... vocês éh::... disseram que:: a trilha sonora... o cenário... ajudavam muito na questão da ação do filme... do romance entre os personagens... e nesse filme... a trilha soNOra... o ceNÁRIO... ajudam na compreensão?

T: ajuda

P: por que?... o que vocês tem a dizer desses dois elementos?... da trilha sonora e da:... do cenário?

((silêncio))

P: de que forma eles contribuem?

A5: por ser um lugar deserto

P: um lugar deserto... o que é que vocês pensam quando veem... pensaram quando viram esse local... essa cidade aBANdonada... cheia de carros... sem pessoas... o que é que vem à cabeça da gente?

A10: susto

P: susto?

A7: uma sensação de...

A5: uma sensação de desespero ((risos))

P: ((risos)) uma sensação de desespero?... por que A5?

A5: ((risos)) porque é uma sensação assim... muito ruim

(Roda de conversa, 02 de junho de 2011)

Percebemos na fala de A5 que o cenário representado por um lugar deserto provoca no leitor-espectador uma sensação de aflição extrema: “uma sensação de desespero ((risos))” [...] “((risos)) porque é uma sensação assim muito ruim”. O aluno 5 projeta o vazio propiciado pelo espaço contemplado. A ausência de pessoas, os carros espalhados na cidade causam estranheza e a sensação “ruim” por ele mencionado.

As leituras dos alunos verificadas no fragmento 03, compreendemos que o efeito causado no espectador se deve ao caráter apocalíptico comum aos cenários dos filmes de ficção científica que tentam projetar o futuro do homem através dos diversos elementos que o constituem (Nogueira, 2010).

As análises apresentadas retratam que os sentidos construídos na leitura dos filmes surgem mediante a compreensão das construções propiciadas pela diversidade de linguagens que constituem o texto. O áudio e o visual se completam e os significados produzidos a partir dessa relação são expressos pelos alunos através de gestos, reações e comentários, mediante um processo de mediação, viabilizado pela professora. A observação das interações dos alunos com os elementos visuais remetem-nos a compreensão de que os sons e as imagens do cinema reproduzem o real, podem afetar nossos sentimentos e assumir um significado ideológico e moral (MARTIN, 2006).

CONCLUSÃO

Como síntese das ideias discutidas, verificamos que os elementos que constituem os sons e as imagens no cinema contribuem para a construção de sentidos revelados nos gestos, nas reações e expressões dos alunos, atuantes especialmente nas suas leituras sensoriais e emocionais. No que concerne aos aspectos sonoros, a música foi muito presente nas leituras dos alunos, exigindo que retomassem experiências externas ao filme. E especificamente em relação às imagens, destacamos na socialização das leituras: o cenário apocalíptico.

A realização dessa experiência de leitura com um gênero audiovisual na sala de aula nos permite a compreensão de que é possível levarmos para a escola a leitura de textos que fazem parte de outras práticas de letramento que a agência escolar tem a necessidade e responsabilidade de abordar, visando situar-se nos multiletramentos dos grupos sociais que a constituem. Não podemos pensar em linguagem sem pensar nos sujeitos e em suas pluralidades. Portanto, a instituição escolar necessita admitir, com urgência, a dinamicidade e a multiplicidade de formas de uso social da linguagem, viabilizando uma ligação entre o que está dentro e o que está fora da sala de aula, (SOUZA, 2011).

Segundo Kleiman (1997), “para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura”. Mantendo, pois, um paralelo, para formar leitores de filmes, é preciso ser um professor apaixonado pelo cinema e que encare o desafio de reconhecer a linguagem fílmica como outra propiciadora na percepção de habilidades leitoras. Com isso, os filmes saem da função simplista de uso escolar, ao ocupar horários de aulas vagas ou de pretexto para estudo temático.

Nessa outra perspectiva, adota-se uma postura menos impositiva, em que desde a escolha do filme à mediação realizada pelo professor, tem-se um crescente interesse pela voz do aluno, manifestando-se como agentes nas atividades propostas, reconhecendo outras práticas reflexivas de linguagem que mobilizam valores, ética, cultura e informação. Saber ler, reconhecer e falar sobre as percepções envolvidas a partir de novas linguagens representa um avanço pessoal tão importante quanto o escolar.

Ultrapassar os limites do “tradicional” exige mais do que uma renovação conceitual, uma revisão de práticas de professores e da equipe escolar e, com isso, uma avaliação dos objetivos a que a escola se propõe cumprir. Reavaliá-los, portanto, requer pensar no papel social da escola, pensar nos avanços sociais da contemporaneidade e, mais do que isso, compreender o aluno como um sujeito plural inserido em uma sociedade marcada pela heterogeneidade de práticas letradas.



REFERÊNCIAS

- ARCOVERDE, R. D. de L.. **Os surdos em contexto digital: o encontro com a palavra escrita em língua portuguesa**. 2004. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.
- BERNADET, J.C. **O que é o cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Vol1. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Julho de 2006.
- CARRIÈRE, J.C. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- DE PIETRI, E. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- JULLIER, L. e MARIE, M. **Lendo as imagens do cinema**. São Paulo: Editora Senac, 2009.
- KLEIMAN, Â. B. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas - SP: Pontes, 1997.
- KORNIS, M. A. **Cinema, televisão e história**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- MARTIN, M. **A linguagem cinematográfica**. Lisboa, Portugal: Dinalivro, 2005.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- NOGUEIRA, L. **Gêneros cinematográficos**. Covilhã, Portugal: LabCom Books, 2010.
- ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.
- SILVA, S. T. A. A linguagem cinematográfica na escola: uma leitura d' O rei Leão. In: CHIAPPINI. Lígia (org.). **Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádios, jogos e informática**. São Paulo: Cortez, 2004.
- SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.